

1838.

O Chronista.

N. 253

Publica-se esta folha ás terças, quintas e sabbados de cada semana. Subscree-se na Typographia Commercial, rua do Hospicio n. 68, e na livraria dos irmãos Eduardo e Henrique Laemmert, rua da Quitanda, por 2\$500 rs. por trimestre; e vendem-se as folhas avulsas por 120 rs.

INTERIOR.

HISTORIA.

O Carbonarismo. — A Italia. — Seus inimigos. ()*

*O vai, ó bravo Pintolletti ami,
Mirato la doctrina che s'è scanda
Sotto 'l volano degli vocci strani.
Dante.*

Como o Egypto antigo, é a Italia um paiz de mysterios e iniciações; é um solo volcanico em todo; ali os thronos tremem como a terra, e a mina arde talvez e vai saltar quando calma e juncada de flobres se ostenta sua superficie. Nesta vasta rede subterranea de minas e contra-minas que se cruzam na sombra e alucem pelas bases as dynastias italianas, muitas vezes acontece que a obra de um serve para outro, e igualmente que os minadores, encontrando-se nas entranhas da terra como no cerco de Tortona, ensanguentam as trevas.

Antes que a historia tenha levado seu farol a estas catacumbas politicas, compete á arte descer a ellas e abrir-lhe a passagem; pertencem-lhe os ardentos mysterios contemporaneos da mesma forma que as chronicas frias dos séculos remotos. Posto que a nossa idade taxem de prosaica e mesquinha, tenho para mim opinião diversa. Onde ha lotta ha poesia; e não sei que lotta maior e mais decisiva tenha abalado a terra. De um lado, o passado levantando por toda a parte seus decrepitos altares, desenrolando seus estandartes empoeirados, tocando todas as suas trombetas, evocando do sepulchro dezoito séculos de crencas mortas, de tradições extinctas, galvanisando todos esses manes e resuscitando-os para lançal-os ainda no combate; do outro, o futuro, joven, forte, resolutivo, cheio de fé, cheio de audacia, — e por campo de batalha os dois mundos: a que

(*) Extracto de um livro ultimamente publicado, cujo titulo é — *Rome antérieure de Charles Didier*. — Vende-se na loja de livros dos irmãos Eduardo e Henrique Laemmert, rua da Quitanda n. 77.

APPENDICE.

OS DIAMANTES DA RAINHA. (1756.)

CONTINUAÇÃO DA 5.ª PARTE.

(Vide o n.º 252.)

Chegado o dia da audiência, foi curioso espectáculo o ver os accusados tomarem assento. Cada um d'elles tinha sido encarcerado em masmorra separada, e todos ignoravam o que se havia passado depois do seu encarceramento. O primeiro que entrou foi o conde Arwid do Horn, chefe da empresa e que primeiro n'ella fallára ao rei. Vieram depois o conde de Brahé e Stakenstrom: á medida que eram introduzidos e se reconheciam, a surpresa se pintava em seu semblante. To-

idade do globo e do homem é mister remontar para assistir a justas semelhantes?

E depois, si o passado se luz por seus prestigios, o presente sensibilisa por suas desgraças. Poetas inspidos, romancistas sublimes, vós todos poderosos artistas que desdenhaes nosso século, e cujo genio aventureiro se ha feito o hospede das ruínas, vossa voz me maravilha, arrasta-me, vossa intelligencia subjuga-me, admiro vossos poemas como cathedraes, vossos heroes como estatuas; sou pórem da minha quadra, e minhas sympathias não são para elles.

Não é minha compaixão para os que soffrem, para os que choraram; é para os que soffrem, para os que choram. E porque iriam muitas lagrimas banhar a cinza dos mortos, quando a meus olhos gemem os vivos? Felizes aquelles que já não existem! esses descansam da viagem e dormem no porto! É por aquelles que ainda estão no mar que cumpre fazer votos, aos que naufragam é que cumpre dar lagrimas. O mar está agitado, vêde-o, e ali na procella um navio ludibriado pelas vagas debato-se sob a tempestade como um corcel sob a espora. Uma mulher está de joelhos no convéz, trajando de preto, traz o rinto de luto; seu vestido despedaçado fluctua a mercê dos ventos, seu seio nu está contuso, seus cabellos desgrenhados, suas mãos juntas pedem perdão e favor. Dos que a vêem da margem, uns mostram-a com o dedo e riem-se, outros retiram-se para não vê-la, muitos a insultam, poucos se compadecem, o maior numero passa indifferente.

Essa mulher em perigo é a Italia.

Sem fallar aqui d'essas grandes tragedias sociais que ha quarenta annos disputam entre si o circo europen, será sem poesia esse destino de gloria e de miseria da Jerusalem captiva, de quem poderia dizer o propheta como da outra: — Como cahiste dos céos, estrella matutina, filha da aurora? — Poesia triste e de sangue! poesia de mysterio e de lagrimas, mas de esperanza, de acção, de verdade!

dos os conjurados estavam sentados no banco dos accusados: não havia traidores entre elles, pois que a mesma pena os esperava a todos, e entretanto a conspiração estava descoberta. Um olhar rapido trocado entre elles, um mesmo pensamento repentino como o relampago, lhes ensinou que não tinham que adoptar sinão um unico meio de defesa, o silencio, até que a accusação por si mesma offrocesse suas provas.

Foram interrogados um depois do outro: todos recusaram responder.

Então foi introduzido o judeu, e perguntou-se-lhe si se recordava de ter visto os accusados.

Salomão lançou successivamente os olhos sobre cada um d'elles, e respondeu:

— Reconheço-os todos.

D'ahi a uma hora e depois de uma appa-

Esses mesmos dramas que em outras partes se representam ás claras, aqui são representados na sombra. A mesma causa, os mesmos combates, os mesmos martyres, e igualmente o mesmo poezir e a mesma fé.

Dois elementos rivaes constituiram o corpo italiano em toda a meia idade: o elemento gheffo e o elemento gibeino; o Papa e Roma de uma parte, da outra César e o imperio. Esta grande desavença é conhecida. Nascido da lotta dos dois elementos e d'elles destacado, mostrou-se um terceiro elemento: é o elemento popular, o elemento do progresso. Personificado a principio e representado por o Papa, o grande vigario eleito do filho do homem, o grande tribuno do povo no primeiro de todos os thronos, foi por elle trahido, abandonado, perseguido. Foi então que elle appareceu em seu proprio nome e tomou na Alemanha a capa de Lutero. Depois de tres séculos de perseguição européa que na historia não encontra igual, e não ser a que se fez aos primeiros christãos, triumphou em noventa e nove: encarnou-se em Napoleão, e, novo papa militar e plibeu, o grande Corso, — só fallou aqui da Italia, — cingiu-lhe a fronte com a corda de ferro. A esta grande victoria seguiu-se uma grande derrota. Cahiu do throno o elemento popular, e, como os vencidos gigantes da antiga Sicilia, refugiou-se nas entranhas da terra. Desde então foi chamado o carbonarismo para represental-o na Italia.

Instituição religiosa e politica importada do Egypto para a Europa, o carbonarismo atravessou os séculos de baixo de mil nomes. Propagador do christianismo enquanto o christianismo foi civilizador, applicou-se, logo que ello se corrompen e transviou, em reformal-o, em chama-l-o á sua primitiva pureza. Reunidos em desconhecidas cryptas, os adeptos se consideravam como irmãos e juravam mutuo soccorro e fidelidade.

Os carbonarios de Italia tiveram em todos

rencia de deliberação, foi proferida a sentença de morte e fixada a execução para a noite do mesmo dia.

— Senhores, disse Salomão dirigindo-se aos juizes, eu emprestei trinta e cinco mil ducados: quem me restituirá o meu dinheiro ou a garantia que eu tinha recebido?

— Os diamantes pertencem á Suecia; aquelles que vol-os entregaram não tinham direito de dispôr d'elles. Quanto ao vosso dinheiro, perguntae-lhes o que d'elle fizeram.

O conde de Horn levantou-se e disse:

— Judeu, o teu silencio podia salvar-nos; tu não quizeste comprehendê-lo. Deveramos estar cincoenta aqui; porém calaremos os nomes de todos os que faltam, que nos haviam promettido a sua assistencia e que nos deixam morrer. A sentença que me condena só fere a minha cabeça: imponho aos

os tempos o pensamento da independência e unidade da Península. Francisco 1.º protegeu-os, e por isso é venerado na ordem. Mais tarde, nos princípios do século XVIII, o carbonarismo napolitano parece ter causado a ruína da dynastia hespanhola. Desde então cahiu em esquecimento.

Resuscitado no começo do século em todo o meio-dia da Italia e fora de seus verdadeiros princípios, serviu as paixões contra-revolucionarias da rainha Carolina e dos Ingliezes, e organison do fundo das cavernas do Apenino a Vendes calabrense.

Assim, duas instituições irmãs, quasi idénticas, o Tugend-Bund allemão e o carbonarismo italiano, uma ao meio-dia sob o patrocínio dos leões de Inglaterra, a outra ao norte sob o manto real da Prussia, aliam á porfia e em nome da liberdade dos povos o throno popular de Napolião. Cahiu esse throno, e as prisões, o desterro, o cadafalso, puniram a ambas por sua victoria.

Eslarecidos por tão sanguinolenta experiencia, por tão clamorosa perfidia, os carbonarios italianos não cahirão mais no laço. Havendo sahido das trevas para vencer, voltaram a ellas para arrepende-se e preparar o castigo dos perjuros. De então em diante, únicos representantes além dos Alpes do principio livre e plebeu, e fiéis d'esta vez ás antigas tradições, o que querem antes de tudo é a independência, é a unidade da Italia. Santa é sua causa, seu braço porém é fraco ainda, e posto que seja d'elles o futuro, o presente os esmaga.

Passo agora a seus inimigos.

(Continúa.)

ACTOS OFFICIAES.

MINISTERIO DA FAZENDA.

PARÁ. — Ao presidente, para expedir as ordens precisas afim de se não cumprir, nas repartições de fazenda da provincia, a lei provincial do 12 de maio ultimo, sob n.º 9, cuja materia, não se podendo de modo algum comprehender na faculdade para contrahir empréstimos, está fora das attribuições da assembleia legislativa provincial, e por consequencia não podia ser tratada sinão em lei geral; para transmittir a thesouraria a ordem que sobre este mesmo objecto se lhe dirige, e ficar na intelligencia de que, para occorrer ás suas despesas de maior urgencia, n'esta data se reiteram as ordens expedidas ás thesourarias do Maranhão e Piauí,

herdeiros de meus bens o pagamento da divida que comigo contrahi.

— E nós tambem! exclamaram os outros condemnados.

Stakenstrem, antes de sair, perguntou ao presidente si lhe seria licito mandar levar uma carta a certa pessoa que depois indicaria. Foi-lhe concedida essa faculdade.

Era chegada a noite, noite fria e obscura. A cidade de Stockholm estava muda e mergulhada na consternação: de manhã, não havia sinão uma voz para condemnar os autores da conspiração; de tarde, não havia sinão uma voz para pranteal-os, e talvez si algum d'elles houvesse escapado á accusação, que tivesse podido chamar a multidão á revolta. O povo, custosamente contido pelos fortes destacamentos de tropas, murmurava aos pés do cadafalso, levantado

para se lhe remetter d'aquella os fundos da península, e d'esta, por via da do Maranhão, os saldos que tiver em cofre.

— A's thesourarias do Pará, Maranhão e Piauí, conforme se declara no aviso supra.

MINISTERIO DA MARINHA.

Para o inspector do arsenal de marinha da provincia de Pernambuco.

N.º 12. — Foi presente ao regente, em nome do imperador, o officio que vim me dirigir, datado de 6 do corrente mez, sob n.º 21, dando esclarecimentos acerca da quantia de 165,000 réis, que ali despendera com objectos alheios da repartição da marinha; e o mesmo regente manda declarar a vim, que, devendo as sommas designadas para as despesas de marinha n'essa provincia ser unicamente applicadas ao serviço da dita repartição, muito mal obrou vim, em despende a mencionada quantia com o carreto, medição, arrumação e distribuição de farinha remetida d'esta corte, porquanto não se podia considerar este serviço como pertencente á repartição da marinha; esperando o mesmo regente que semelhantes irregularidades jámais tornem a apparecer para o futuro: o que communico a vim, para sua intelligencia e execução.

Deus guarde a vim. Palacio do Rio de Janeiro, em 3 de novembro de 1838. — *Joaquim José Rodrigues Torres.* — Sr. Francisco do Assis Cabral e Teive.

Para o presidente da provincia de Pernambuco.

N.º 45. — Illm. e exm. snr. Accusando a recepção do officio d'essa presidencia, datado do 20 do passado mez de outubro, sob n.º 43, acompanhando o balancete de receita e despesa do arsenal de marinha d'essa provincia no mez de setembro ultimo; não posso deixar de ponderar a v. exc. que, estando designada a quantia de trinta e dous contos de réis para as despesas do arsenal e farões, e a de sessenta contos para o dos navios armados, insufficientes serão estas quantias para fazer face ás despesas, si continuarem ellas a ser tão crescidas como as do dito mez de setembro, prevenindo-o de que o regente, em nome do imperador, do novo manda recomendar a v. exc. a observancia do aviso de 15 de outubro proximo passado, á vista da absoluta impossibilidade

na praça em frente do paço. O que rodobrava ainda a irritação da multidão era a ignorancia em que todos estavam do verdadeiro denunciante. As suspeitas se elevavam até os membros da familia real apanhados em flagrante delicto, e que tinham, dizia-se, comprado a indulgencia da junta secreta, revelando os nomes de seus partidarios.

Na extremidade da praça appareceram alguns homens armados de archotes accesos; marchavam adiante dos condemnados. O conde de Horn e seus companheiros subiram lentamente os degraus do cadafalso. Os archotes, derramando ao longo uma claridade vacillante e sinistra, davam aos espectadores d'esta horrivel tragedia a faculdade de verem o semblante sereno e resignado de todas aquellas victimas, e a neve cahia em multiplicados frócos, como para enco-

de applicar-se maior quantia para as ditas despesas: o que communico a v. exc. para sua intelligencia e execução.

Deus guarde a v. exc. Palacio do Rio de Janeiro, em 3 de novembro de 1838. — *Joaquim José Rodrigues Torres.* — Sr. Francisco do Rego Barros.

O CHRONISTA.

Continuam as considerações sobre o actual estado politico de Portugal.

Concluindo o artigo que foi estampado em um de nossos passados numeros acerca de Portugal, disse-nos que a obra dos maus governos não se repara facilmente, que o povo corrompido pelo exemplo de corrupção dos governos não se regenera em breve espaço, sem que para isso concorram extraordinarias circumstancias: são verdades essas que não contestará pessoa alguma, que a quaesquer sophismas que oppoñham responderemos com a inflexivel argumentação dos factos. Para lavar a nação franceza das nodas que a mancharam nos ultimos tempos do reinado de Luiz XIV e todo o reinado de Luiz XV, foi de mister sangue, — muito sangue humano: estudas a historia de todos os povos, de todas as nações, e ignaes factos observareis.

Dominava em Portugal D. Miguel; seu sceptro de ferro pesava sobre a infeliz nação: os defensores do progresso, ahi la os máis molestrados, pagavam com a vida nos cadafalsos ou definhavam nas terras do desterro, porque não podiam em seu espirito aquiescer a tão tyrannico governo. Por esse tempo grandes acontecimentos tinham logar em nossa patria: o senhor D. Pedro 1.º abdicava a coroa do imperio americano em favor do seu angusto filho, depunha sobre o herço de um infante o manto e sceptro imperial, e a Providencia ligava a esse herço os destinos de um povo. Foi essa abdicación resultado de altas combinações politicas, ou de certo não podia o governo do senhor D. Pedro 1.º sustentar-se por mais tempo? Foi a abdicación um acto voluntario, ou forçado pela brutalidade dos factos? Talvez seja impossivel ao escriptor de hoje aventurar um juizo a respeito d'estas questões: nós não o aventuraremos; á historia compete levar seu farel a esse ponto: recebemos o facto sem explicit-o, — que não somos os historiadores d'essa epocha, e apenas queremos peser a gravidade do facto em relação ao que depois occorren em Portugal.

brir os vestigios do sangue que lá se derramado e servir de mortalha a tantos cadáveres. Já por duas vezes, interrompendo este silencio pavoroso, o urdo ruído do machado havia resoadado sobre o cepo; de repente ouvem-se gritos: uma mulher, com os hombros descobertos, os cabellos em desordem, arrojou-se para o cadafalso.

— Frantz, dizia ella, Frantz, venho morrer contigo!

— Stephanía, responde Stakenstrem, tu farás o que te eu disse: não gastes as tuas forças n'este medonho espectáculo; guarda a tua coragem para consolares a minha irmã.

E como o carrasco, que não podia esperar, lhe acenava que se approxinasse, elle voltou-se para Schlezer e aquelles que o seguiam, o lhes disse:

D. Pedro abdicou a coroa brasileira, embarcou-se em um navio inglez estacionado no Rio de Janeiro e fez-se de vela para a Europa. D. Miguel havia trolido o juramento que dera a seu irmão e soberano, quebrou contractos que tinha assignado, rompeu a alliança que devia contrahir com a sua sobrinha a senhora D. Maria II, rainha de Portugal, que não podia entrar nos reinos de seus maiores nem sentar-se no throno que tanto haviam abrilhantado seus antepassados. Era espantosa a emigração dos subditos portuguezes; respeitavel era essa força de homens expatriados, que só exigiam um chefe que os dirigisse para sustentar os direitos de sua joven rainha e debellar a tyrannia que reinava em sua patria: esse chefe, elles o encontraram no abdicador de duas corôas, que se contentava com o modesto titulo de duque de Bragança.

À custa de sacrificios, de perigos e privações, D. Pedro organisa um exercito, à sua frente batte os exercitos miguelistas, alcança victorias sobre victorias e consegue entrar triumphante em Lisboa, sede da monarchia portugueza. A grande obra material estava concluida, mas a alta missão do duque de Bragança não estava preenchida. Debellar e vencer os inimigos da patria e da liberdade era-lhe sem duvida mais facil do que acabar com a corrupção, estabelecer leis justas, firmar novos interesses em lugar dos antigos: D. Pedro já não era o general dos exercitos da rainha de Portugal, era o legislador, e não sabemos a quem devemos dar a primazia na gloria.

Essa circumstancia extraordinária, que demnos como necessaria para destrair em breve espaço a obra dos maus governos, existia, os abusos morreram à voz do general-legislador: o prestigio de suas victorias o acompanhava em seus actos, seu nome estava à frente da regeneração portugueza, e o duque de Bragança fez mais em poucos mezes do que um esclarecido congresso em muitos annos. Não o guiavam mesquinhohos interesses: — seus actos tinham o cunho da felicidade geral, e ninguém murmurava; não o dominava a ambição: — que ambição podia ter mais o abdicador de duas corôas, o fundador de um imperio, o libertador de um povo? Era a gloria, e a gloria o rodeava, e a gloria se prendia a esses mesmos actos de puro desinteresse, — garantia da futura felicidade e prosperidade portugueza....

Mas nos altos desenhos da Providencia outra cousa estava determinada. O libertador

portuguez que devia levar ao cabo sua obra; o abdicador brasileiro que principiara não devia ser por elle acabado, outros meios — em mal — deviam terminá-lo. Ahi muito estava por fazer, o duque de Bragança expulso abdicando a a victoria da Maricella, e a nova alliança se despolia de seus camaradas, desapparecia da terra que libertara e cujo legislador devia ser!

Continuaremos em proximo numero.

As noticias de Monte-Vidéo.

Chegamos tarde para occupar os nossos leitores com as occurrencias de que têm sido theatro as duas republicas vizinhas do imperio e da provincia subleuada do Rio-Grande: já todos os jornaes têm ideado qual será provavelmente o comportamento futuro de Fructo vencedor; do Orbe vencido, da França e de Buenos-Ayres. Sabem já todos os leitores de jornaes que esses acontecimentos podem ser uteis, assim como podem ser fatalissimos ao imperio, dando prestado apoio à revolta que luta no Rio-Grande, ou observando a exacta neutralidade, ou favorecendo as armas da legalidade; sabem todos os leitores que nada se pôde adivinhar, e que tudo depende do que der na vonta de D. Fructo e do modo com que elle encarar sua posição e interesses. Nesse estado de incertezas, achamos desnecessario chamar a attenção dos leitores sobre semelhante assumpto; e si com essa epigrapha escrevemos este artigo, é para lastimar o estado de abjecção a que nos têm reduzido nossas perturbacões intestinas, o espirito de anarchia que reina em nossas provincias, que fazem que o Brasil, esse vasto imperio que, situado no coracão da America Meridional, rico de recursos e elementos do grandezza, assista como espectador indifferente aos debates que se agitam nos campos de batalha das nações vizinhas e limitrophes, quando tudo parecia destinado a exercer honroso protectorado sobre essas republicas vizinhas. Um tiro de canhão não se devia ouvir desde o istmo de Panamá até os confins do Amazonas, sem que o imperio do Brasil tivesse a interferencia que exigem que tenha sua segurança e seus interesses; e no entanto, a nossas portas e nas immediacões de uma provincia subleuada luttam dois chefes, um é vencedor e estamos à espera que elle manifeste suas intencões, calcule seus interesses, para saberemos si temos um alliado, si mais um inimigo.

Passa pela cabeça de MM. Roger e Le

olhar, uma ultima palavra, elle ajoelhou ante o copo ensanguentado. O golpe que o feria cortou duas existencias a um tempo. Stephania cahiu morta. Sua mão direita apertava convulsa um papel, no qual o seu amante lhe havia escripto:

«As horas estão contadas, e o meu ultimo pensamento é para ti. O dever que te imponho te dará força para me sobreviveres. Minha irmã Mathilde, de quem tantas vezes me ouviste fallar, veio de L'epal a Stockholm buscar em minha casa um refugio contra o approbrio, e eu aguardava, subalternando-a a todos os olhos, o instante em que pudesse exigir uma satisfação daquello que a seduzia e abandonava vilmente. Vou morrer sem a ter vingado: fica sendo sua irmã, Stephania; confundi juntas as vossas lagrimas, e que a minha lem-

brança, vice-convul e almirante francezes, pôr bloqueio a um porto vizinho com o qual tinhamos activas importantissimas relações, e cruzamos os braços, deixamos que desentem os negociantes inglezes e russianos sobre a legalidade d'esse bloqueio, e implorem, em nome de seu commercio, a interferencia de suas nações!

Misero Brasil! até que ponto de abatimento e fraqueza te hão reduzido tuas dissencões? Quando conhecerão os Brasileiros que lhes convém unir-se, pôr acima de tudo o engrandecimento e a dignidade da nação a que pertencem, para que attinja o imperio ao grau de importancia e de gloria que lhe é destinado, para que ao menos não sejamos obrigados a soffrir com resignação a indigna e usurpadora occupação do territorio do imperio!

Os portos bloqueados.

Deu-nos um destes dias o *Despertador* uma lista dos portos que actualmente se acham bloqueados, extrahida não sabemos de que periodico estrangeiro. Ahi contam-se os portos do Brasil que, por causa do trafico de africanos, pretenda a Inglaterra bloquear. Persua limonhos que nossa bom querida alliada a Inglaterra não tomará semelhante expediente: 1.º, porque a Inglaterra deve reconhecer que os governos do Brasil, representantes da nação, em suas relações exteriores não têm poupado esforços para cohibir esse trafico contra o qual tanto se tem pronunciado a Inglaterra, porque d'elle não carece para suas colonias, não sendo elles responsaveis si o interesse de alguns traficantes e os preconceitos populares favorecem a violação das leis do pais e illudon a vigilancia das autoridades; 2.º, porque a Inglaterra bem sabe que um bloqueio effectivo nos portos do Brasil, embora funestissimo ao imperio, sêl-o-hia ainda mais a ella mesma, pois que ella não ignora que a maior parte dos objectos consumidos no Brasil sahem de suas manufacturas, e que quasi todo o commercio brasileiro está entregue aos Inglezes.

Licito pôde ser a França, cujo commercio limitadissimo apenas se occupa com vidrilhos de aguas de cheiro, pomadas, cabellos e modas, que interrompa suas relações mercantiles que de tanta monta são com este ou aquelle estado da America; mas a Inglaterra que tem por aqui em gyro tamanho cabedal!... oh! de certo ella examiniaria duas e tres vezes antes de dar semelhante passo: contra sua ambição, contra sua amizade, premunem-nos seus interesses.

brança, como a dôr, fique repartida entre vós ambas.»

A multidão foi-se pouco a pouco dispersando, apagaram-se os archotes e a praça tornou-se silenciosa e deserta. No dia seguinte, o corpo de Stephania foi sepultado sem pompa; o judeu deixou Stockholm, bem convencido de que a ultima intencão de conde de Horn e de seus companheiros de infortunio não seria executada a seu respeito. Quanto a Frederico, privado de seus melhores sustentacões e muito fraco para obter por si mesmo, perdeu n'essa velledade de independencia o pouco poder que tinha sido deixado a autoridade civil. Assim viveu, escravo sobre o throno, até 1771, epocha em que lhe succedeu seu filho Gustavo, um dos mais velhacos e matroiros coroados do que faça menção a historia.

A. A.

— Irmãos, tomae a minha vez; quero viver ainda alguns minutos.

— Tua irmã! repetia Stephania: ou o ignorava antes de ter recebido a tua carta. Ah! porque me não disseste que essa mulher que secretamente viera para a tua casa, e pela qual eu julgava que tu me trahias, porque me não disseste que era tua irmã? Eu tinha ciúmes, e o ciúme desvairou a minha razão; julguei-te infiel, e quiz vingar-me! Foi eu a quem amavas, eu que te perco, eu que entreguei o vosso segredo aos vossos inimigos! Frantz, perdão-me antes do morrer.

— Si assim é, rogae a Deus que vos perdoe, mas eu nunca!

Voltou a cabeça sem mais responder-lhe. Não restavam sobre o cadafalso sinão dous homens vivos, o carrasco e elle. Surdo aos gritos de Stephania que lhe implorava um

Santa Catharina.

As noticias d'esta provincia dão como tendo sido capturados quasi todos os sublevarões do *Patagonia*. Louvores sejam por isso dados ao incançavel presidente d'essa provincia e ao juiz de paz e mais autoridades que tanto se têm desvelado n'essa afanosa empresa. Seu zelo e o bom accerto de suas medidas acham-se provadas pelo optimo resultado que vão alcançando. Ao menos esses não irão engrossar as fileiras dos *Nettos e Bentos*.

A deportação do sr. Tenreiro Arauza.

Em nosso ultimo numero censurámos o proceder do general-presidente do Pará na deportação do sr. Tenreiro Arauza, motivada pela composição de um elogio dramatico, no qual se annuncia como futura a separação da provincia do Pará e sua erecção em reino federado ao imperio do Brasil. Achámos que essa idéa não era das que mais se compadece com a integridade do imperio, e que mesmo em uma provincia agitada, como deve achar-se ainda o Pará, perigosissima seria a sua promulgação, que poderia vir alimentar partidos mal subjugados, esperanças mal extinctas. Será porém a concepção d'essa idéa motivo sufficiente para justificar uma deportação? Dizemos a concepção, porque até á deportação do sr. Tenreiro inda seus versos não haviam recebido especie alguma de publicidade, e mal estavam em manuscrito. Si a idéa era perigosa, si o presidente assim o julgava não haveria mil meios mais suaves de fazer com que o autor a não publicasse, o autor que já se havia mostrado inimigo da desordem, sustentador da legalidade, bom cidadão o sim? Pois logo um castigo tão severo por um pensamento que a publicidade não havia ainda tornado perigoso, nem portanto criminoso?

Temos que o general-presidente mostrou-se, n'essa deportação, muito timorato e muito amigo dos ultimos recursos. Ora, para nós sempre será maxima verdadeira que o excesso de severidade, as perseguições-zinhas sem motivo ou com motivo frivolo, debilitam mais os governos, roubam-lhes mais força moral do que os grandes attentados. Temos para nós que as perseguições contra o misero Laficente, perseguições que, na phrase do sr. Pitada, vinham de alto, de muito alto &c. que o inutil decreto de 18 de março irritou mais a opinião contra o governo passado e mais apressou a retirada do regente, do que a annullação das eleições do duas provincias e outros attentados de igual importancia; por isso temos que esse acto compromette a força moral do general-presidente, testifica sua imprudencia e dá prova de que, no estado actual do Pará, elle é mais proprio para entreter a agitação inseparavel dos grandes acontecimentos do que para concluir a grande obra da pacificação da provincia.

As promoções.

Os periodicos d'esta cidade nos têm posto ao facto de que, nas duas provincias que especialmente se teve em vista quando se fez a lei sobre as promoções, haviam, as que o governo julgara dever fazer, excitado alguns descontentamentos. Da Bahia ve-

mos que, no pensar da *Gazeta Mercantil*, havia o governo sido para com alguns officiaes nuniamente parco, de modo a não haver sido o galardão proporcionado aos serviços por alguns prestados. Não sabemos te que ponto serão justos esses quixotes: temos porém, quanto a nós, que haverá n'elles muita exaggeração. Não queremos de certo que haja preterições de serviços, menoscabo de direitos; não queremos que se escacé o galardão a aquelles que não fugiram ao reclamo da patria e lhe liberalisaram suas fadigas, seu sangue e sua vida: estamos porém tão accostumados a queixunça d'essa natureza, sabemos tanto que cada um avalia em muito o que fez ou o que fizeram seus amigos e em tão pouco o que os outros fizeram, conhecemos tanto as difficuldades que sempre se encontram em materia d'essa especie no calculo e comparação de merecimentos, não havendo para essas materias asseridores, que somos levados a desculpar o ministerio, a adiar o exame da injustiça d'essas queixas, té que o tempo faça desaparecer o desgosto das esperanças illudidas, das pretensões exaggeradas, e tire o odioso da novidade ás promoções do governo. Não cessaremos porém de recommendar-lhe muita e muita attenção em materias que tocam a interesses pessoas, pois que é dos offendidos por essa parte que se engrossam as fileiras da opposição, acontecendo muitas vezes que um descuido, facil de reparar a principio, faz com que um amigo prestimoso torne-se formidavel inimigo.

Ao ultimo numero do Contemporaneo.

O contemporaneo da *Aurora*, em vez de responder a nossos artigos, insulta-nos arrieiramente: o que ha de mais engraçado é que, sendo elle o que primeiro nos ataca, queixa-se de que lhe retribuimos; sao sinas: paciencia! Insulte-nos quanto quizer o contemporaneo, minta quanto quizer; sao sinas: paciencia! O certo é que, para nós, os insultos do contemporaneo valem menos ainda que o latir de um dogue, o chiar de um carro.

Lá é como cá.

Lemos no *Globe*, periodico inglez, o seguinte, que será para os nossos deputados e senadores um argumento de que se podem servir quando se lhes tomár contas. « A sessão do parlamento inglez que terminou, e que tinha começado em novembro passado, durou 9 mezes; mas, n'esto lapso de tempo, só se contaram 144 sessões da camara dos lords e 175 da camara dos commons. A simples enumeração dos objectos de discussão que lhe foram apresentadas, enche, pelo que toca á camara dos lords, 980 paginas in-folio, e pelo que toca á camara dos commons, 1,580 paginas, sem contar os supplementos, addições, etc., etc. »

VARIEDADES.

— 5,762 obras escritas, tanto em francez como em linguas mortas e em linguas estrangeiras, sahiram dos préfos francezes nos sete primeiros mezes de 1858.

— Um dos sitios que mais particularmen-

te atrahirão a attenção do imperador d'Austria, na Italia, será por certo o lago Maior. Escravem-nos de Milão: — O vice-rei propoese a offerecer ao seu soberano uma incruenda propria a piear sua curiosidade. A mesa será posta na estatua de S. Carlos Borromeu. Esta obra colossal está collocada sobre a collina que domina Arona. O cardinal é representado em habito religioso: em uma mão tem o seu breviario, e com a outra abençoa a sua cidade natal.

Esta estatua tem setenta pés de altura, e o pedestal sobre que descansa tem quarenta e seis; a cabeça, os pés, as mãos são de bronze fundido; o resto do corpo é composto de grossas laminas de cobre polidas a martello. Por dentro, praticou-se uma escada pela qual se sobe até á cabeça, onde quatro pessoas de gordura ordinaria podem estar a gosto: é n'este lugar que será disposta a incruenda. Entrando-se para o nariz do colosso, pôde-se fazer uso de seus olhos como de trapézias; d'ahi, com um só lanço de vista, abrangese todo o lago Maior. Esta immensa estatua é obra de Siro Zuella, de Pavia; foi elevada, em 1697, á custa dos habitantes do paiz: é o anniversario d'esta inauguração que se quer festejar, depois de cento e quarenta annos revolutos.

ANNUNCIOS.

Edições dos classicos modernos francezes em 1 e 2 vols. á venda em casa de E. & H. Laemmerl, rua da Quitanda n. 77, a saber: — *Oeuvres completes de Lamartine avec des gravures*, 1 grand vol. Rs. 14\$000; — *de Casimir Delavigne avec portrait*, 1 grand vol. Rs. 12\$; — *de Victor Hugo*, 2 grands vols. Rs. 22\$; — *Histoire de France depuis le 18 brumaire jusqu'à la paix de Tilsitt*, par *Bignon*, 1 vol. Rs. 10\$000. — Estas obras se recommendam não sómente por sua elegante impressão, papel e encadernação, sino por sua barateza merecem a attenção do publico, que nem com dobrada despesa poderá comprar as edições menos commodas que se acham publicadas em avultados volumes.

Obra nova muito recommendavel aos pais de familia, como a todos os amigos da religião e da moral:

LE CATHOLIQUE, magasin religieux, recueil varié de nouvelles inédites, d'histoires édifiantes, de récits et morceaux choisis, tirés des classiques écrivains religieux anciens et modernes, sur l'histoire, les enseignemens et les beautés de la religion. Ouvrage orné de 70 figures gravées sur acier, d'après les tableaux des plus grands maîtres. Nouv. édition de 1858. Achase a venda na livreria de E. & H. Laemmerl, rua da Quitanda n. 77. Preço 7\$000.